



BRASIL S/A

por Antônio Machado

cidadebiz@correio.com.br

Os sem-empresa

A provável redução do superávit da balança comercial este ano, decorrente mais da recuperação da absorção da economia interna que do menor crescimento do comércio mundial e da valorização cambial, está estampada, nas análises privadas e oficiais, com a mansidão das coisas fatais. Trata-se de grave erro de formulação porque este é o melhor momento para o empresário soltar da jaula o seu espírito animal e pôr o investimento produtivo para rodar.

A normalização da economia virá do crescimento mais balanceado entre a dinâmica do setor externo e o consumo doméstico e o nível de investimento, o que é saudável. Mas somente se for interpretado como indicativo de oportunidades de ouro para aumentar a produção nacional e não como manifestação de conformismo de que, ao Brasil, só restaria o *trade off* entre consumir ou exportar, sendo esta a exceção — uma necessidade apenas em situação de crise cambial e só possível à custa de cortes do poder aquisitivo e desemprego.

Como está, será isso mesmo, sem tirar nem por, mas à custa de se jogar no lixo quase cinco anos de ajuste de uma economia movida a crédito externo para a atual, em que os superávits comerciais e o saldo líquido dos fluxos de capitais pagam inteiramente as contas internacionais do país e ainda deixam um gordo troco para reforçar as reservas nacionais de divisas. Tal ajuste teve o tamanho de 6% do PIB — mais de R\$ 100 bilhões —, sob a forma de transferência de parte da absorção doméstica para formar o “excedente” exportável, o que implicou a perda de milhares de empregos e a adaptação dos processos produtivos e gerenciais de centenas de empresas.

Se se fez isso apenas para o país escapar da insolvência externa, da qual a Argentina não conseguiu se livrar, tirou-se da sociedade mais do que ela poderia pagar pelo que talvez não merecesse tanto sacrifício. Mas tal assunção é falsa, já que não se ouviu nem se encontra escrito em nenhum documento qualquer mudança da ênfase no modelo exportador para eliminar a vulnerabilidade externa do país.

Modelo coroado

A esperada nova onda de investimentos privados e públicos, estes voltados para a recuperação da infra-estrutura de portos, estradas e energia, sem a qual o esforço exportador encontrará obstáculos físicos para crescer, deveria estar centrada no atendimento destas duas demandas, a interna e a externa, coroando a conversão para o modelo de uma economia aberta dirigida pelas exportações. Isto é: demanda interna em alta sem queda das exportações. Não há maiores entraves nesta direção, aparentemente, mas o empresariado continua a relutar em alocar seu próprio capital em grandes investimentos.

**NO MELHOR
MOMENTO DA
ECONOMIA DESDE
OS ANOS 70,
EMPRESÁRIOS
RELUTAM EM
INVESTIR E
ALGUNS JOGAM
A TOALHA**

Condições propícias

As parcerias entre o estado e empresas privadas estão aprovadas. O caixa do BNDES está líquido e piscando para os interessados. A economia interna voltou a crescer. É zero o risco de uma explosão inflacionária, dada a mais que ortodoxa orientação do BC. O dólar vem de uma fase apreciada, mas não deverá ficar tão barato a ponto de deprimir as exportações. A relação câmbio-salário continua bem convidativa para o negócio exportador. As empresas nunca estiveram tão rentáveis, líquidas e pouco endividadas como nos últimos dois anos, além de praticamente imunes aos juros de morte vigentes na faixa livre do mercado de crédito. Desde a década de 70 a economia não se depara com condições tão propícias para crescer.

Falta entusiasmo

O que o governo deveria inquirir-se é sobre os motivos dos riscos reais ou imaginários vislumbrados pelo capital para decidir sair da toca e aproveitar o vento a favor. É inquietante, por exemplo — triste, diria —, que empreendedores do porte de Sérgio Haberfeld, da Dixie Toga, velho guerreiro do capital nacional, prefiram jogar a toalha, como fez nesta semana com seu irmão: fechou a venda de suas fábricas à americana Bemis por US\$ 250 milhões. E isto sem ter nenhum outro investimento em vista para aplicar a dinheirama.

Como eles, muitos estão como nossos craques da bola: só têm olhos para as seduções que vêm de fora. Com a diferença de que continuam morando no Brasil, sem empresas e sem tesão de começar tudo outra vez. Eis um fenômeno pouco estudado, que merece maior atenção.

Os sem-empresa estão se tornando comuns. Num dos restaurantes da rede Fasano em São Paulo, uma mesa redonda das grandes reúne uma a duas vezes por semana alguns deles: um grupo que monta bilhões de reais, mas são sem-empresa, sem-banco e sem-projeto. Jogam conversa fora, bebem bons vinhos e deixam o tempo passar. É um desperdício de talentos, para não dizer do capital, certamente boa parte estacionada nos juros da dívida pública.

O provável é que haja toda uma geração de empresários próximos da aposentadoria, cansados de três décadas de crises sucessivas e com herdeiros sem pique para as emoções de uma economia atordoante ou, o que é mais comum, treinados para fazer milhões na jogatina dos mercados financeiros, o sonho de boa parte da moçada bem-criada. O problema é que um país sem empreendedores com garra e dispostos a encarar tempos bons e ruins, cair e levantar quantas vezes for, é um país sem futuro, sem mobilidade social e com o desenvolvimento travado. Esse é um problema que transcende o poder do governo.